



UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE EDUCAÇÃO
COORDENAÇÃO DA PEDAGOGIA A DISTÂNCIA
LICENCIATURA PLENA EM PEDAGOGIA

SANDRA HELENA DOS SANTOS

**LITERATURA INFANTIL: CONCEPÇÕES E PRÁTICAS NO ENSINO
FUNDAMENTAL ANOS INICIAIS**

JOÃO PESSOA/JUNHO – 2022

SANDRA HELENA DOS SANTOS

**LITERATURA INFANTIL: CONCEPÇÕES E PRÁTICAS NO ENSINO
FUNDAMENTAL ANOS INICIAIS**

Projeto de Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado como requisito para elaboração do
trabalho de conclusão do curso de Pedagogia –
modalidade à Distância, do Centro de Educação
da Universidade Federal da Paraíba.

Orientador(a): Prof^a. Dr^a. Idelsuite de Sousa
Lima

JOÃO PESSOA/JUNHO – 2022

Catálogo na publicação
Seção de Catalogação e Classificação

S2221 Santos, Sandra Helena dos.

Literatura infantil: concepções e práticas no ensino fundamental anos iniciais / Sandra Helena dos Santos. - João Pessoa, 2022.

51f. : il.

Orientação: Idelsuite de Sousa Lima.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Pedagogia - modalidade a distância) - UFPB/CE.

1. Literatura infantil. 2. Professoras. 3. Sala de aula. I. Lima, Idelsuite de Sousa. II. Título.

UFPB/CE

CDU 373.3(043.2)

SANDRA HELENA DOS SANTOS

**LITERATURA INFANTIL: CONCEPÇÕES E PRÁTICAS NO ENSINO
FUNDAMENTAL ANOS INICIAIS**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Pedagogia modalidade à Distância da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial para obtenção de título de Licenciatura em Pedagogia

Aprovada em: 16/06/2022.

BANCA EXAMINADORA

Documento assinado digitalmente
 Idelsuite de Sousa Lima
Data: 11/07/2022 15:27:05-0300
Verifique em <https://verificador.iti.br>

Prof^ª. Dr^ª. Idelsuite de Sousa Lima
Universidade Federal da Paraíba

Prof^ª. Dr^ª. Veridiana Xavier Dantas (Examinadora)
Universidade Federal da Paraíba

Prof^ª. Dr^ª. Nathália Fernandes Egito Rocha (Examinadora)
Universidade Federal da Paraíba

“Enquanto existir histórias no mundo, pessoas a contá-las e outras a ouvi-las, então estaremos salvos pela palavra-metáfora que pode nos fazer viajantes da dor e do amor; porque no exercício pleno do sentir temos a oportunidade de ser.” Joana Cavalcanti

AGRADECIMENTOS

Primeiramente, toda a honra e glória a Deus quem me sustenta e realiza os desejos do meu coração.

Agradeço à minha família que acredita e investe na educação. e aos amigos a quem tenho ombros e ouvidos para me apoiarem.

RESUMO

O presente trabalho intitulado “Literatura Infantil: concepções e práticas no ensino fundamental anos iniciais” tem como objetivo investigar como os/as professores/as dos anos iniciais do Ensino Fundamental compreendem a literatura infantil. O embasamento teórico do trabalho teve como referência os estudos de Coelho (2000), Cavalcanti (2002), Costa (2013), Colomer (2017), entre outros. A pesquisa de campo foi realizada com quatro professoras do Ensino Fundamental Anos Iniciais de uma escola municipal da cidade de Campina Grande – Paraíba, através de um questionário com dez perguntas abertas. A partir das respostas das professoras, revela-se uma compreensão da literatura infantil que perpassa por uma visão utilitária, quando o texto literário é utilizado como pretexto para o ensino de conteúdos. Ainda que de forma tímida, há a visão lúdica da literatura. A compreensão da literatura como deleite quase não é considerada na fala das professoras, na qual a criança realiza a leitura do livro simplesmente pelo prazer de ler.

Palavras-Chaves: Literatura Infantil; Visão das Professoras; Práticas

ABSTRACT

This paper, entitled "Children's Literature: conceptions and practices in the initial years of elementary school", aims to investigate how teachers of the initial years of elementary school understand children's literature. The theoretical basis of the work was Coelho (2000), Cavalcanti (2002), Costa (2013), Colomer (2017), among others. The field research was made with four elementary school teachers from a municipal school in the city of Campina Grande - Paraíba, through a questionnaire with ten open questions. From their perception, it was revealed an understanding on children's literature which goes through an utilitary vision, when the literary text is used as a pretext to teach subjects. Although there is a playful vision, it has appeared in a timid form. The comprehension of literature as delight, almost is not considered in the answers of the teachers, when the child reads the book simply for the pleasure of reading.

Keywords: Children's Literature; Vision of the Teachers; Practices.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	14
2. REFERÊNCIAL TEÓRICO	17
2.1. O que é a literatura	17
2.2. A literatura no contexto de sala de aula	19
2.3. O professor e a literatura em sua prática	22
3. METODOLOGIA	25
4. DISCUSSÃO DOS RESULTADOS	31
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS	49
6. REFERÊNCIAS	51
APÊNDICE A – Instrumento de Coleta: Questionário	53
APÊNDICE B – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido	57

1. INTRODUÇÃO

A Literatura faz parte do universo infantil e pode ser associada à contação de história e ao afeto, com o adulto dedicando um pouco do seu tempo à leitura de livros de literatura para as crianças. Este afeto é possível de ser vivenciado na família e/ou na escola.

Em algumas escolas, é possível encontrar estantes com livros na sala de aula que podem proporcionar momentos de prazer e conhecimento por estarem à disposição das crianças e que elas possuem livre acesso para manuseá-los.

Em alguns casos, entretanto, a literatura é vivenciada apenas em momentos específicos durante o ano letivo fazendo alusão a algum tipo de trabalho literário como culminância de um texto lido, de um livro compartilhado ou em uma data específica. E alguns professores apenas conseguem trabalhar com literatura na programação planejada e obrigatória sugerida pela escola.

Em outros momentos, os professores utilizam livros infantis para preencherem uma lacuna que ficou vazia dentro do seu planejamento. E a leitura de livros passa a ser apenas um artifício para que a criança desenhe o que ela mais gostou da história, que não fique sem fazer nada e a professora apenas cumpra com sua obrigação diante do planejamento pedagógico que foi estipulado.

Os livros infantis podem e devem ser explorados. O que ocorre muitas vezes é que os livros são utilizados nas aulas apenas para realizar atividades. Alguns professores e professoras também trabalham aquisição de conhecimentos literários através de atividades específicas que, de acordo com a escolha, podem ocorrer antes, durante e/ou depois da leitura.

É muito importante que a criança seja estimulada através da leitura não só para se apropriar da linguagem, mas para desenvolver sua imaginação, seu pensamento, seu senso crítico. E o livro infantil possui todo o potencial a ser explorado para alcançar o objetivo que é o prazer pela leitura.

Outro problema encontrado na escola ao se trabalhar com literatura é quando os professores descobrem que algumas crianças não possuem um referencial de leitor/a, dentro de sua casa. Elas não possuem livros em sua casa, não veem seus parentes lendo e também não são levadas a frequentar livrarias e/ou bibliotecas que possam incentivá-las ao hábito da leitura.

Essas questões acabam por dificultar um pouco mais para o professor trabalhar a leitura por prazer. O que é também uma das prioridades de todo o mediador de leitura de livro infantil na sala de aula.

Apesar de todos esses pontos serem mencionados como barreiras para o não incentivo do hábito de leitura, a criança pode também esbarrar com o/a seu/sua professor/a que também não possui o hábito de ler, diminuindo ainda mais os referenciais de leitor para ela.

Para além desta problemática, há escolas que não deixam os livros à vista ou ao alcance para que a criança manuseie, conheça, tenha curiosidade. Talvez pela falta de estrutura do espaço da sala de aula, ou porque não se vê a necessidade de deixar o livro disponível para que este seja explorado, lido, manuseado pelas crianças.

Há também escolas que guardam seus livros em estantes para que só o professor possa acessar em tempo oportuno. Há também escolas que possuem um bom acervo que fica disponível na biblioteca, mas este espaço não recebe muitas visitas dos estudantes, por não ter uma programação inserida na rotina escolar que proporcione este momento.

Com base no exposto, a pesquisa tem o intuito de responder a seguinte questão: Como os professores compreendem a literatura infantil nos anos iniciais do Ensino Fundamental?

Para responder a esta pergunta, o objetivo geral se delimita em investigar como os professores dos anos iniciais do Ensino Fundamental compreendem a literatura infantil. E como objetivos específicos: analisar o posicionamento dos professores sobre a literatura infantil; identificar a utilização que as professoras fazem da literatura infantil nas aulas; identificar as estratégias utilizadas pelos professores para o trabalho com literatura.

Impossível não relacionar a escolha do meu tema sem mencionar minha própria experiência. Literatura é uma paixão particular e trabalhar essa temática é importante para me direcionar a futuros projetos, construindo um embasamento teórico que preciso para os próximos passos acadêmicos.

A realização desta pesquisa se justifica pela importância do tema para a área e pela necessidade de trazer uma reflexão sobre a Literatura trabalhada em sala de aula nos anos iniciais do Ensino Fundamental.

Esta pesquisa poderá servir para que os demais pedagogos e pedagogas possam refletir sobre a sua prática e pautar princípios que os ajudarão a incentivar seus estudantes a buscarem a literatura pelo prazer que ela oferece, dando oportunidades de desenvolver o imaginário.

O Trabalho de Conclusão de Curso está organizado da seguinte forma: Na Introdução, estão apresentados a problemática, a pergunta de pesquisa, os objetivos e a justificativa. No Referencial Teórico, a fundamentação teórica na qual o trabalho se baseia. Na Metodologia, estão descritos os procedimentos e o instrumento utilizado para a coleta de dados. Em seguida, no quarto capítulo, a discussão dos Resultados com a análise das respostas dos questionários das participantes. Por último, mas não menos importante, as Considerações Finais do trabalho desenvolvido; seguido das Referências e do Apêndice.

2 REFERÊNCIAL TEÓRICO

Neste capítulo serão apresentadas as formulações em torno do tema. Aborda a literatura infantil, suas características e também seu marco histórico. Trata do contexto da literatura na sala de aula, focalizando a formação docente que reflete na prática do/as professores/as sobre literatura em sala de aula. O primeiro tópico será apresentado o que é Literatura Infantil com base na definição de vários autores.

2.1. O que é Literatura Infantil

O que é literatura infantil? Como ela se destaca ou se diferencia da literatura em si? De acordo com Coelho (2020):

A literatura infantil é, antes de tudo, literatura; ou melhor, é arte: fenômeno de criatividade que representa o mundo, o homem, a vida, através da Palavra. Funde os sonhos e a vida prática, o imaginário e o real, os ideais e sua possível/impossível realização... (COELHO, 2020, p.27)

A autora afirma que por mais que a literatura infantil se diferencie com alguns elementos que assim a caracterize, a sua essência não foge ao original, é arte. E como a literatura se expressa através do uso de palavras de forma criativa, acaba por falar do mundo e das pessoas que nele vivem e com a literatura infantil não é diferente. O mundo para uma criança, certamente é diferente do mundo para um adulto, pois ela carrega consigo a fantasia, o imaginário que faz parte do seu universo.

A literatura possibilita viajar entre dois mundos, o mundo da realidade e do imaginário. Faz pensar nas possibilidades muitas vezes inalcançáveis, que se contrastam com a vida cotidiana, fazendo sonhar e imaginar como a vida seria se fosse possível realizar todos os sonhos.

Segundo Coelho (2020, p. 29), a literatura infantil “em essência, sua natureza é a mesma da que se destina aos adultos. As diferenças que a singularizam são determinadas pela *natureza do seu leitor/receptor*: a criança”. E por isso, a abordagem das histórias e dos livros se diferencia por focar no ator principal, que é a criança, que vai interagir de alguma forma com a história, seja através da leitura autônoma e independente de livros, da contação de história por parte de um mediador ou por meios digitais.

E independente da forma que se apresente, os aspectos que caracterizam a literatura infantil parte desde a sua apresentação, ou seja, como é apresentada no seu exterior. Tomando como exemplo os livros de literatura infantil, estas obras se destacam desde a sua concepção com a escolha do que será apresentado nas suas páginas até o local para sua exposição em livrarias, por exemplo. Observa-se que há um cantinho destinado ao público infantil, e que os livros possuem características específicas que se consegue identificar que as obras ali são para o público infantil.

Outra definição sobre a literatura infantil é que ela é “objeto cultural. São histórias ou poemas que ao longo dos séculos cativam e seduzem as crianças” (AGUIAR, 2001 *apud* COSTA, 2013, p. 16). O autor define literatura como manifestações literárias e que perpassam de geração a geração, mostrando que a literatura faz parte do acervo cultural da humanidade. A literatura faz parte da cultura de um povo onde é possível encontrar o registro da expressão do pensamento e do sentimento com o auxílio da arte, e este registro documental se apresenta como uma característica típica e importante para se entender as mudanças que ocorrem com o ser humano.

Segundo Cavalcanti (2002),

a Literatura é expressão artística que serve como meio de catarse e sublimação para os anseios, angústias, conflitos e buscas do homem. Faz, então, emergir uma liberdade de espírito, algo como deixar acontecer as coisas do mundo, sem o compromisso da culpa. Mas, está para além da catarse e da sublimação, porque é capaz de tornar-se a própria vida. Por isso, não podemos perder de vista o caráter do literário como fazendo parte do poético, objeto de um trabalho realizado no jogo de palavras, ritmo, sonoridade que já compõem e criam uma realidade própria, embora esteja sobretudo em busca de instaurar outras realidades. (CAVALCANTI, 2002, p. 12)

Com base no que traz a autora, a literatura serve como um meio libertador que possibilita a quem a utiliza a oportunidade de expor sentimentos, sem a preocupação de justificar suas motivações, pois faz um bom uso das palavras e de outros recursos estilísticos na construção de sua obra.

Corroborando com este pensamento, Costa (2013, p. 16) afirma que “a literatura será entendida como aquela que se relaciona direta e exclusivamente com a arte da palavra, com a estética e com o imaginário”. A autora afirma que a literatura estará relacionada com o saber do uso das palavras, sem se preocupar com a estrutura como a literatura é apresentada e a forma como incentiva ao leitor desenvolver sua imaginação.

Além da imaginação, que é inerente à literatura infantil, Coelho (2000) traz a seguinte explicação sobre a literatura infantil:

Fenômeno visceralmente humano, a criação literária será sempre tão complexa, fascinante, misteriosa e essencial, quanto a própria condição humana. Em nossa época de transformações estruturais, a noção de literatura que vem predominando entre os estudiosos das várias áreas de conhecimento é a de identificá-la como um dinâmico *processo de produção/recepção* que, conscientemente ou não, se converte em favor de *intervenção* sociológica, ética ou política. Nessa “intervenção” está implícita a *transformação das noções* já consagradas de tempo, espaço, personagens, ação, linguagem, estruturas poéticas, valores éticos ou metafísicos, etc., etc. (COELHO, 2000, P. 28)

A autora mostra o quanto a literatura está intrinsicamente ligada ao ser humano e sua condição de vida, e mesmo que as pessoas não percebam, a literatura está conectada ao viver. Tanto no âmbito das ações, do pensamento ou da abstração, quanto nas relações sociais, políticas e culturais, sendo até um veículo para propagação ideológica daquilo que se queira transmitir para quem a recebe.

No próximo subcapítulo, a literatura será apresentada no contexto de sala de aula na vertente de diversos autores.

2.2. A literatura no contexto de sala de aula

A escola, mais precisamente a sala de aula, é o local que além da biblioteca pode-se esperar que se trabalhe a literatura e esteja presente neste espaço. Este subcapítulo traz um panorama de como a literatura foi sendo introduzida no espaço escolar.

A literatura muitas vezes é utilizada apenas como artifício para ensinar algo de valor, crenças ou outra coisa qualquer, sem levar em conta o prazer pela leitura. Os livros de literatura infantil que foram escritos ao longo da história, muitos não tinham a função apenas de serem algo prazeroso para a criança, como afirma Meireles (2016):

Na Europa, os séculos XVII e XVIII foram abundantes em livros dessa natureza. Novas ideias pedagógicas estabeleciam clima favorável a tal iniciativa. Esses livros não tinham apenas o objetivo de entreter a criança, ou de transmitir-lhe noções morais. Muitos visavam, propriamente, transmitir, de maneira suave, os conhecimentos necessários às várias idades. (MEIRELES, 2016, p. 58)

A autora mostra com este dado histórico que a literatura desde muito tempo foi utilizada de forma sutil como pretexto para o ensino de valores. E não estava direcionada a levar a criança para desfrutar do prazer que a leitura proporciona.

Aqui no Brasil o cenário também não era muito diferente. Zotz; Cagneti (2005) dividem o panorama da literatura infanto-juvenil em duas fases, destacando que, na primeira, que ocorre até a década de 1970:

Livros escritos e publicados especialmente para crianças e jovens não são novidades dos nossos tempos. Acontece que, até por volta de 1970, a maioria destes livros não tinha nem características nem preocupações literárias. Eram escritos com o objetivo de *ensinar*, *moralizar*, *educar*, no pior sentido da palavra. (ZOTZ; CAGNETI, 2005, p. 12)

E complementam:

Na década de 70, surgiu uma nova geração de escritores que, aliada a educadores e livreiros, promoveu uma verdadeira revolução cultural no setor. Uma revolução pelo prazer. Os textos passaram a ter qualidade literária. E também a questionar, a levantar problemas e dúvidas. Os escritores abandonaram a posição de donos da verdade, buscando até mesmo aprender com os menores, indo ao encontro de seus interesses e expectativas. Outra característica importante desta nova literatura: o prazer. O prazer de escrever e o prazer de ler. Não se pode esperar que alguém goste de ler enquanto a leitura for sinônimo de coisa chata, de castigo. (ZOTZ; CAGNETI, 2005, p. 12)

De fato, a literatura ao longo dos anos sofreu mudanças, pois levou em consideração a criança. É perceptível um panorama antes e depois de 1970, deixando claro e evidente que a partir dessa ruptura, a visão sobre a literatura mudou. Antes, se utilizava dela apenas para ensinar princípios esquecendo-se do prazer que a leitura proporciona. O que demonstra uma imposição do uso específico da literatura sem questionamentos e da falta de sensibilidade no que diz respeito ao desenvolvimento da criança. Corroborando com este panorama pós 1970, Colomer (2017) apresenta o seguinte cenário:

Durante a década de 1980 deu-se uma grande atenção psicopedagógica aos processos de aprendizagem dos alunos e à sua relação com as práticas de ensino. A concepção vygotskiana da aprendizagem a partir da interação social, a investigação psicolinguística sobre o uso da língua escrita e a importância dada à leitura literária como elemento cultural trouxeram dados que justificaram também a introdução da literatura infantil na escola. (COLOMER, 2017, p. 89-90)

A autora afirma que os olhares voltados para os processos de aprendizagem, interações sociais e o uso da língua, corroboraram para a inserção mais presente da literatura infantil no espaço escolar, mais precisamente na sala de aula.

Mesmo com essa mudança nas escolas, ainda assim, é possível perceber que algumas não se preocupam com a literatura em sala de aula. O panorama apresentado por Colomer (2017) demonstra isso quando a autora afirma:

A vista não engana. Frequentemente basta entrar em uma escola ou em uma sala de aula para saber se existe uma preocupação especial pela formação leitora dos alunos. O trabalho de relação constante entre crianças e livros se revela com a presença de expositores repletos de obras recém-adquiridas ou de temas especializados que se deseja mostrar (um autor, um tema, um gênero etc.), com a existência de murais cobertos por trabalhos de alunos sobre os livros lidos, com a visão de coleções atualizadas e indícios de boa organização na biblioteca ou com o trajeto das crianças entre a mesa de trabalho e as estantes. (COLOMER, 2017, p. 95)

Esta é uma realidade que pode não passar despercebida por alguém que adentra uma sala de aula em alguma escola. Se há estantes e só o/a professor/a tem acesso aos livros que estão guardados ali, ou se na ausência de estantes para guardar os livros na sala de aula, a biblioteca mal é visitada. E se a biblioteca não é visitada, os motivos são inúmeros. Se há um trabalho sendo desenvolvido com literatura infantil, a própria sala de aula responde a essa inquietação. Se o trabalho está sendo desenvolvido de forma adequada ou não, já é outro questionamento que perpassa inclusive pela formação do professor.

Ainda falando sobre o papel da escola com relação à literatura, Cavalcanti (2002) afirma que:

A escola é campo fértil para se produzir leitura, aliás ela deve ser o espaço para o desenvolvimento das potencialidades, no que inclui-se o tornar-se leitor. Mas, a escola necessita ser preparada para isso, para não fazer da Literatura mero instrumento pedagógico com a finalidade de reproduzir padrões e valores da ideologia dominante. Ao contrário disso, a arte liberta porque transforma. (CAVALCANTI, 2002, p. 78)

E ainda acrescenta:

De maneira geral, constatamos que “se pedagogiza” a Literatura na sala de aula, pois a finalidade de educar deve estar comprometida com os conteúdos curriculares a serem desenvolvidos e o espaço de leitura deve servir a esse propósito. Portanto, as escolas no início do semestre determinam o que vai ser lido e como será avaliado. Os textos são apresentados de forma incoerente,

são mesmo mutilados uma vez que se pinça fragmentos das obras de grandes autores e, posteriormente, os leitores deem responder às questões de interpretação e gramática. Ora, isso é uma violência contra a arte, contra o autor e contra a formação de leitores. Mas, ainda é assim que se tem feito. (CAVALCANTI, 2002, p. 78)

As críticas tecidas por Cavalcanti (2002) mostram que a literatura no contexto de sala de aula tem objetivos curriculares adversos a promover o prazer pela leitura ou formar leitores. A escola é o local propício para o desenvolvimento do senso crítico e de apresentar a literatura como algo que faça sentido para quem leu alguma obra literária, que relacione essa leitura para a vida. E para que isso aconteça, faz-se necessário um profissional preparado para orientar e guiar as crianças na aventura da literatura e que esteja disposto, se for possível e necessário, até a romper paradigmas que por tanto tempo estão impregnados na cultura escolar.

No próximo subcapítulo, será apresentado como o professor tem se posicionado na sala de aula frente ao ensino de literatura.

2.3. O professor e a sua prática com a literatura

O professor é um dos responsáveis por apresentar a literatura às crianças em sala de aula. A sua relação com a literatura também influenciará a maneira com ela é vista pelos estudantes. Por isso, se faz necessário começar pelo professor, como afirmam Zotz; Cagneti (2005): “o professor ainda é o começo de tudo, e por isso mesmo é ele quem precisa, antes de ninguém, conhecer e gostar da literatura que vai seguir e trabalhar com os alunos”.

Um professor leitor, certamente fará a diferença em sala de aula. Não só em trazer o seu gosto pessoal dentro das escolhas literárias a serem trabalhadas na sala de aula, enriquecendo a diversidade de obras, mas, também, se mostrando como personagem fundamental para que o/a estudante se interesse pela leitura e ele pode ser até o único referencial de leitor que a criança terá.

Parte do/a professor/a gostar da literatura para incentivar outros a gostarem também. Por isso é necessário que ele revise sua prática para que sua abordagem seja a mais prazerosa possível. Chalita (2004) afirma:

A forma como se ministra o conteúdo é fundamental. Imagine-se um professor que obrigue um aluno a ler um clássico na sua formação leitora. Diz o professor que ele tem de ler a obra por ser obrigado, porque “caiu” no vestibular, porque “caiu nos concursos”. Essa prática é cruel, é um crime que se comete contra a beleza, contra a riqueza da literatura. Outro resultado o professor obteria se envolvesse os jovens alunos na leitura espontânea e prazerosa. Bastaria contar

trechos do livro, contextualizá-lo, refletir sobre os costumes da época em que foi escrito, permitindo que os alunos mergulhassem com curiosidade na leitura. Ou ainda trabalhar teatralmente a obra ou determinar momentos especiais da prática de leitura, como “a hora do conto”. Não se trata apenas de questão de método, mas de preparo e de vontade. (CHALITA, 2004, p. 66)

O autor exemplifica que certamente os resultados seriam outros, se a forma como o/a professor/a trabalha a literatura fosse mais envolvente e aguçasse a curiosidade e o interesse através de uma contextualização voltada até para o cotidiano, mesmo trazendo obras antigas, clássicas, mas as trouxessem para mais perto da realidade atual.

E não apontar a obra como um fim em si mesma, quando afirma que o seu conteúdo precisa ser estudado porque será utilizado em avaliações. Isso tira o prazer da leitura e transforma um momento agradável em um momento tedioso, e parte do/a professor/a querer fazer deste momento o mais deleitoso possível. Como afirma Costa (2013):

O papel do professor no processo de conquistar seus alunos para a leitura é por demais relevante, de tal sorte que, caso seu desempenho demonstre desconhecimento da natureza da literatura e da leitura, poderá criar em seus alunos a recusa e o afastamento dos livros. (COSTA, 2013, p. 20)

Como afirma a autora, o/a professor/a com suas ações é quem vai atrair seus alunos para o prazer de ler. E para que isso aconteça, antes de tudo, este/a professor/a necessita conhecer literatura e não somente conhecer, mas, também sentir prazer em ler. Caso contrário, seus/suas alunos/as nunca se sentirão estimulados para a leitura e nem tão pouco para desfrutá-la. O/A professor/a sozinho não vai de fato conseguir mudanças significativas se não tiver ao seu lado a escola para apoiá-lo. O que Cavalcanti (2002) aponta é que:

Talvez o maior problema que estamos enfrentando nos dias atuais é como fazer com que a escola resgate a dimensão lúdica e prazerosa da Literatura, quando os professores foram formados para impor, julgar e avaliar a capacidade de leitura de crianças e jovens. Avaliar no sentido de impor e cobrar. E o pior de tudo é que muitos dos professores não gostam de ler. Leem apenas o necessário do ponto de vista profissional. Então, como provocarão o gosto pela leitura, se os próprios acreditam que ensinar a ler é escolher, impor, determinar o texto que todos deverão ler para depois, enfim, avaliar. (CAVALCANTI, 2002, p. 77)

Segundo a autora, o desafio para as escolas nos dias de hoje é possibilitar de forma prazerosa e divertida momentos de leitura. E para além disso, trabalhar esta dinâmica com os/as educadores/as, que não devem utilizar a literatura apenas para avaliar. Muitos/as professores/as

não tiveram uma formação que permitisse refletir sobre utilizar a literatura pelo simples prazer do que ela proporciona: a leitura.

O que dificulta também, segundo a autora, é que muitos/as professores/as leem apenas o que lhes é exigido para cumprir com demandas da sua profissão. Profissão essa que requer o envolvimento em muitas atribuições. Como por exemplo, apropriar-se de novas tecnologias em um mundo cada vez mais conectado e fazer uso de uma boa gestão de tempo. E sobre o tempo, ALVES (2006) diz:

E aqui quero só acenar para uma questão importante: uma boa leitura ou uma leitura significativa estará sempre a nos exigir tempo, reflexão, análise detida das obras. Trata-se, portanto, de algo muitas vezes cansativo, mas, por outro lado, que nos oferecem um imenso prazer. O prazer de ler, tão badalado, nasce do esforço, do trabalho. Não é, portanto, um mero passatempo. (ALVES, 2006, p. 119)

O autor afirma que, de fato, o tempo é peça fundamental e importante para o desenvolvimento do hábito da leitura. É um hábito que exige esforço, mas que traz a recompensa da satisfação em executá-lo.

Ainda sobre o tempo, é importante frisar que o/a professor/a passou um bom tempo de sua formação se preparando para estar em sala de aula. E esta preparação vai além de sua formação, como afirma Chalita (2004, p. 162): “A formação é um fator fundamental para o professor. Não apenas a graduação universitária ou a pós-graduação, mas a formação continuada, ampla, as atualizações e o aperfeiçoamento.”

O autor afirma que independente de sua formação, o/a professor/a nunca para de estudar nem de se aperfeiçoar na sua área de atuação. O que implica em uma constante prática de estudos que visam manter o/a professor/a atualizado/a e preparado/a para atuar em sala de aula.

3 METODOLOGIA

Para o desenvolvimento deste Trabalho de Conclusão de Curso foi realizada uma pesquisa descritiva de tipo qualitativa. Segundo Prestes (2008, p. 26), “na pesquisa descritiva, se observam, registram, analisam, classificam e interpretam os fatos, sem que o pesquisador lhes faça qualquer interferência. Assim, o pesquisador estuda os fenômenos do mundo físico e humano, mas não os manipula.”

O autor afirma que neste tipo de pesquisa descritiva, não há interferência do pesquisador ao analisar os dados coletados na pesquisa. No entanto, cabe ao pesquisador fazer a análise devida, interpretando de forma fidedigna o que foi coletado.

Moreira; Caleffe (2008, p. 70) definem a pesquisa descritiva como “um estudo de *status* que é amplamente usado na educação e nas ciências comportamentais. O seu valor baseia-se na premissa de que os problemas podem ser resolvidos e as práticas melhoradas por meio da observação objetiva e minuciosa, da análise e da descrição.”

Segundo os autores, este tipo de estudo é bastante usado nas áreas da educação e também na área das ciências comportamentais. E com este tipo de pesquisa é possível apontar soluções para problemas e práticas, tendo como base a observação, a análise e a descrição.

Do ponto de vista da abordagem, a presente pesquisa se caracteriza como qualitativa. Segundo Bortoni-Ricardo (2008, p.34): “A pesquisa qualitativa procura entender, interpretar fenômenos sociais inseridos em um contexto.” Segundo a autora, este tipo de pesquisa busca compreender e esclarecer dentro de um contexto os fatos encontrados.

Para Minayo (2009), a pesquisa qualitativa:

trabalha com o universo dos significados, dos motivos, das aspirações, das crenças, dos valores e das atitudes. Esse conjunto de fenômenos humanos é entendido aqui como parte da realidade social, pois o ser humano se distingue não só por agir, mas por pensar sobre o que faz e por interpretar suas ações dentro e a partir da realidade vivida e partilhada com seus semelhantes. (MINAYO, 2009. P. 21)

A autora traz em sua fala que a pesquisa qualitativa oportuniza momentos reflexivos sobre a prática, apontando as justificativas para o porquê das ações, dos posicionamentos e das escolhas dentro de um universo em que o sujeito da pesquisa se encontra.

Com base nos objetivos traçados e no objeto de estudo esta pesquisa caracteriza-se como uma pesquisa de campo, que segundo Prestes (2008, p. 27) este tipo de pesquisa é desenvolvida principalmente nas ciências sociais, e a define como sendo: “aquela em que o pesquisador, através de questionários, entrevistas, protocolos verbais, observações, etc., coleta seus dados, investigando os pesquisados no seu meio.” O autor apresenta alguns instrumentos de coleta de dados e afirma que eles fazem parte da pesquisa de campo.

Segundo Brennand et al (2012, p. 169), “a pesquisa empírica ou de campo é muito utilizada na educação, principalmente em nível de graduação, considerando que os campos de estágio e/ou trabalho constituem lugares, onde é possível articular problemas de pesquisa que necessitam de investigação mais sistemática.” O autor justifica este tipo de pesquisa focando, em especial, no estudante da graduação e levando em consideração os espaços que este estudante perpassa: o estágio e/ou até mesmo o seu próprio ambiente de trabalho. São espaços, segundo o autor, que é possível discutir e averiguar problemáticas de forma sistemática.

Os sujeitos da pesquisa foram 4 professoras do 1º e do 2º ano dos Anos Iniciais do Ensino Fundamental de uma Escola Municipal da cidade de Campina Grande. Foi delimitado esses sujeitos com base na expectativa das práticas de linguagem, objetos de conhecimento e habilidades presentes no Ensino Fundamental – Anos Iniciais, sobre a formação do leitor literário como preconiza a BNCC (2018, p. 89): “Assim, no Ensino Fundamental – Anos Iniciais, ... no eixo **Leitura/Escuta**, amplia-se o letramento, por meio da progressiva incorporação de estratégias de leitura em textos de nível de complexidade crescente.” Ou seja, a formação do leitor literário se aprofunda nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental e, por isso, a expectativa para que a criança tenha a oportunidade de se expor a diversos gêneros literários.

Para além do que preconiza a BNCC, a escola escolhida para a pesquisa é a mesma em que a pesquisadora realizou todo o seu Estágio Supervisionado em Pedagogia. Nos turnos manhã e tarde funcionam apenas uma turma para cada série do Ensino Fundamental Anos Iniciais. É uma escola pequena, próxima a sua casa e que há uma familiaridade com o espaço e, também, com os sujeitos que nela compõem, facilitando ainda mais o acesso, e o aceite das professoras para a coleta de dados.

O instrumento de coleta utilizado foi o questionário. O questionário faz parte de uma gama de opções ofertadas para a coleta de dados. Para Prestes (2008, p. 28): “Dependendo do tipo de pesquisa, é nessa etapa que são elaborados e aplicados outros instrumentos de coleta de dados, como questionários, protocolos verbais, entrevistas, etc.”

O questionário para Moreira; Caleffe (2008, p. 96), apresenta “quatro vantagens para o professor/pesquisador: uso eficiente do tempo; anonimato para o respondente; possibilidade de uma alta taxa de retorno; perguntas padronizadas.” Ao falar sobre o fator tempo, os autores afirmam que os respondentes terão a oportunidade de responderem ao questionário no seu ritmo. Em contrapartida, Moreira; Caleffe (2008, p. 99) também apresentam as desvantagens para o uso do questionário. Segundo eles:

Três limitações no uso do questionário precisam ser conhecidas antes de o pesquisador decidir sobre o seu uso: o dado coletado tende a descrever ao invés de explicar por que as coisas são da maneira que são; o dado pode ser superficial; o tempo necessário para elaborar as questões e realizar um estudo-piloto é freqüentemente subestimado, e dessa maneira a utilidade do questionário pode ser reduzida em virtude de uma preparação inadequada. (MOREIRA; CALEFFE, 2008, p. 99)

Mesmo em face das limitações, o questionário foi escolhido como instrumento de coleta de dados, em virtude do pouco tempo disponível para a coleta e análise dos mesmos e, também, da disponibilidade das professoras envolvidas na pesquisa. Como afirma Brennand (2012, p. 186), o questionário “atua com mediador entre o campo da pesquisa e seus sujeitos e o pesquisador, considerando o fato de que, muitas vezes o pesquisador não necessita estar *in loco* para o preenchimento do instrumento pelos respondentes.”

Para esta pesquisa, foram elaboradas 13 perguntas via Google Forms. Das quais 3 questões foram relacionadas à formação acadêmica das professoras e 10 questões subjetivas sobre a literatura infantil (Ver Apêndice A). A pesquisadora foi até a escola campo para conversar pessoalmente com as professoras e explicar sobre a pesquisa. Entregou para elas o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido – TCLE (Ver Apêndice B) que prontamente assinaram e trocaram números de telefone para que pudesse ser enviado o link do questionário para elas. O link foi enviado para as professoras no início da semana, mas elas não responderam de imediato. Ao chegar no final de semana, a pesquisadora entrou em contato novamente com as participantes que responderam todas no mesmo dia.

Este retorno das respostas foi uma dificuldade superada, uma vez que a pesquisadora se colocou à disposição para esclarecer quaisquer dúvidas referentes ao questionário. Obtendo

então, uma taxa de 100% das respostas das participantes. Embora a amostragem tenha sido pequena, com base no quantitativo de pessoas que responderam, ela foi bastante significativa para que os dados coletados pudessem alcançar o objetivo da pesquisa e responder suas indagações. Como afirma Brennand et al (2012, p. 186):

Servindo tanto para descrever quanto para medir determinadas variáveis em uma realidade empírica, o questionário é um dos instrumentos de coleta de dados mais utilizados pelas pesquisas de campo, uma vez que este instrumento de coleta é um dos mais estratégicos para reunir informações sobre as características de sujeitos, grupos e comunidades. (BRENNAND et al, 2012, p. 186)

Como afirma o autor, o questionário é um dos mais utilizados na pesquisa de campo e apresenta suas especificidades estratégicas para a coleta de dados. Dados estes, que necessitam seguir o rigor e princípios éticos através da negociação para a coleta destes, como afirma Bortoni-Ricardo (2008, p. 57):

A negociação, portanto, terá de garantir ao professor que todos os dados coletados terão caráter sigiloso e que qualquer divulgação, na forma de relatórios, tese, monografias etc., será discutida previamente com os professores envolvidos. Eles também terão de informar se desejam que seus nomes apareçam nos relatórios de pesquisa ou se preferem permanecer anônimos. O mesmo se aplica à identificação da escola. Em suma, a pesquisa tem de ser regida por rígidos princípios de ética, que preservem os colaboradores que dela se dispuserem a participar. (BORTONI-RICARDO, 2008, p. 57)

A autora reforça a necessidade de seguir a ética para garantir os direitos de todos os envolvidos na pesquisa. Esta garantia é regida através da assinatura do TCLE que, segundo Motta-Roth; Hendges (2010, p. 62), “o respeito devido à dignidade humana exige que toda pesquisa se processe após consentimento livre e esclarecido dos sujeitos, indivíduos ou grupos que por si e/ou por seus representantes legais manifestem a sua anuência à participação na pesquisa.”

Após as participantes responderem o questionário, as respostas foram sistematizadas e foi feita a análise dos dados, tendo como base a fundamentação teórica. Os dados foram preparados, descritos, interpretados e categorizados, com base na análise de Conteúdo proposta por Bardin (1977) que a define como

Um conjunto de técnicas de análise das comunicações visando obter por procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens indicadores (quantitativos ou não) que permitam a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção/recepção (variáveis inferidas) destas mensagens. (BARDIN, 1997, p. 44)

Segundo a autora, a análise de conteúdo não se resume a apenas uma forma de analisar um discurso, por exemplo, mas a uma diversa gama de procedimentos, que se conectam pela inferência. Ainda segundo Bardin (1977, p. 166), “a inferência não passa de um termo elegante, efeito de moda, para designar a indução, a partir dos factos.”

Marconi; Lakatos (2009, p. 53), definem a indução como sendo:

um processo mental por intermédio do qual, partindo de dados particulares, suficientemente constatados, infere-se uma verdade geral ou universal, não contida nas partes examinadas. Portanto, o objetivo dos argumentos é levar a conclusões cujo conteúdo é muito mais amplo do que o das premissas nas quais se basearam. (MARCONI; LAKATOS, 2009, p. 53)

Sendo assim, as respostas das professoras foram separadas em blocos, de acordo com cada pergunta, dentro de uma tabela. Indicando também através da letra “P” de professora e de uma numeração de 1 a 4, a quem se referia cada resposta. A partir das respostas dadas ao questionário foi sendo realizada a inferência da mensagem, ou seja, de cada uma das respostas dadas por elas. Neste tipo de análise, observam-se três polos: o emissor, ou produtor da mensagem; o receptor, o indivíduo para quem a mensagem é dirigida; e a mensagem propriamente dita.

Segundo Bardin (1977, p. 163): “A análise de conteúdo fornece informações suplementares ao leitor crítico de uma mensagem, seja este linguista, psicólogo, sociólogo, crítico literário, historiador, exegeta religioso ou leitor profano que deseja distanciar-se da sua leitura «aderente», para saber mais sobre esse texto.” E acrescenta sobre este saber mais: “Teoricamente, pode remeter para ou apoiar-se nos elementos constitutivos do mecanismo clássico da comunicação: por um lado, a mensagem (significação e código e o seu suporte ou canal; por outro, o emissor e o receptor, enquanto pólos de inferência propriamente ditos.”

A autora afirma que as informações adicionais de uma mensagem serão fornecidas através da análise de conteúdo para qualquer leitor crítico, não importa quem ele, o receptor, seja.

4 DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Neste capítulo será apresentada a análise das respostas frente às perguntas feitas através de um formulário online enviado às professoras participantes da pesquisa. A análise é embasada na Fundamentação Teórica que respalda o trabalho.

O questionário foi dividido em duas partes: a primeira parte traz a identificação das professoras participantes da pesquisa; e a segunda parte, as respostas das professoras sobre a literatura infantil.

Nesta primeira parte da identificação e com relação à formação acadêmica das professoras, foi constatado que todas possuem curso superior completo, sendo três formadas em Pedagogia e uma em Psicologia Educacional. Três possuem Pós-Graduação, sendo uma com curso de Especialização em Psicopedagogia Institucional e Clínica; outra em Educação Infantil, e uma com Mestrado incompleto. Sobre as turmas em que atuam, duas professoras lecionam no 1º ano e duas lecionam no 2º ano do Ensino Fundamental.

Deste ponto em diante serão apresentadas as perguntas e respostas dadas relacionadas à literatura infantil e a análise realizada.

Ao perguntar às professoras se na sua formação acadêmica elas tiveram muito contato com literatura infantil, as respostas foram as seguintes:

P 1:	sim
P 2:	Não
P 3:	Leio para as crianças, antes de iniciar a aula propriamente dita.
P 4:	Sim, em algumas cadeiras foi explorado o tema referente a literatura infantil

As respostas, em sua maioria, são voltadas para o que foi solicitado, mas de forma objetiva, havendo apenas respostas sim e não e uma resposta sem vínculo com a pergunta. As respostas da P1 e da P4, informam que tiveram contato com a literatura infantil. Ter tido esse contato com a literatura infantil na graduação é um fator importante porque indica que a profissional tem algum conhecimento sobre a temática e isso pode favorecer o trabalho com as crianças. Já a P2, declara que não teve contato com literatura infantil em sua formação e a P3 demonstra em sua resposta não ter entendido o que lhe foi perguntado.

Trabalhar com crianças dos anos iniciais do ensino fundamental exige familiaridade com a literatura infantil. Para além da familiaridade, exige intimidade e conhecimento da arte literária. O fato de algumas professoras não terem tido contato na formação, representa uma lacuna sobre esta temática. Mesmo com esta lacuna, as professoras devem buscar conhecimento para que sua prática seja aperfeiçoada e garanta a efetividade ao trabalhar com a literatura.

A formação continuada é necessária para o conhecimento e aprimoramento do fazer educativo em sala de aula. Como afirma Chalita (2008, p. 162): “A formação é um fator fundamental para o professor. Não apenas a graduação universitária ou a pós-graduação, mas a formação continuada, ampla, as atualizações e o aperfeiçoamento.”

Como afirma o autor, a professora precisa se aperfeiçoar e buscar estar sempre atualizada para aperfeiçoar sua prática, independentemente de seu histórico acadêmico.

Na pergunta sobre o papel da literatura infantil nos anos iniciais do Ensino Fundamental, as professoras emitiram as seguintes respostas:

P 1:	Como base, suporte, ponta pé inicial para o ingresso no mundo acadêmico
P 2:	Fundamental, uma vez que o processo de aquisição da leitura é escrita necessita de um contato constante e contínuo com a literatura infantil
P 3:	Super importante
P 4:	Trabalhar a literatura infantil no processo de aquisição da leitura e da escrita é muito importante pois nos anos iniciais a criança está na fase dos sonhos e adoram ouvir histórias que envolvam o mundo imaginário. Esse contato direto com os livros literários fazem com que as mesmas tenham o gosto e o hábito pela leitura sendo fundamental fazer parte da prática pedagógica do professor

As professoras apresentam em suas respostas um entendimento sobre o papel da literatura em sala de aula. A professora P1 considera a literatura infantil como “ponta pé inicial para o ingresso no mundo acadêmico” e a P2 a relaciona ao processo de aquisição da leitura e escrita. Estas visões apresentadas pelas professoras distanciam-se do entendimento da literatura infantil como um espaço de ludicidade, de beleza e de prazer que a leitura pode proporcionar.

O fato de atrelar a uma perspectiva mais pragmática ou de busca de um resultado mais específico, retira da literatura infantil o seu princípio mais importante, vinculado à arte e ao encantamento. Como afirma Campos (2005, p. 13):

Conhecimento e prazer fundem-se no texto literário. No entanto, dentro do currículo escolar, freqüentemente conhecimento e prazer se tornam dicotômicos. Desprovido da sua essência, o texto literário é transformado num empobrecido sistema modalizante primário (CAMPOS, 2005, p. 13).

Como afirma a autora, é possível que não se dê a oportunidade para formar o gosto pela leitura e apenas utilize o texto literário como pretexto acadêmico. É nessa perspectiva que muitos professores utilizam o texto literário como um veículo para o ensino de regras gramaticais e outros assuntos presentes no conteúdo programático. Pois, segundo a autora, na realidade escolar, o conhecimento e o prazer pelo texto literário em muitos casos, não se juntam e o texto acaba se tornando um mero instrumento para o estudo.

O texto literário que traz na sua essência uma riqueza de elementos como a rima, o jogo de palavras que são capazes de despertar os mais profundos sentimentos com sua beleza artística, acaba se tornando um mero instrumento para o estudo. E esta é uma discussão presente nos dias de hoje quando se pergunta sobre a natureza da literatura, se ela é didática ou lúdica. Coelho (2000, p. 46) responde:

se analisarmos as grandes obras que através dos tempos se impuseram como “literatura infantil”, veremos que pertencem simultaneamente a essas duas áreas distintas (embora limítrofes e, as mais das vezes, interdependentes): a da arte e a da pedagogia. Sob esse aspecto, podemos dizer que, como objeto que provoca emoções, dá prazer ou diverte e, acima de tudo, modifica a consciência de mundo de seu leitor, a literatura infantil é arte. Sob outro aspecto, como instrumento manipulado por uma intenção educativa, ela se inscreve na área da pedagogia. (COELHO, 2000, p. 46)

A autora afirma que as duas áreas estão presentes, mas se distinguem através dos objetivos com os quais cada uma das obras se destina.

A P3 só respondeu que era “super importante”, mas não teceu comentários, o que deixa nas entrelinhas, um questionamento. A P4 também partilha das mesmas ideias das professoras P1 e P2 citadas anteriormente, que relacionam a literatura Infantil com o processo de aquisição da leitura e da escrita. Esse modo de relacionar a literatura infantil diretamente ao processo de

aquisição da leitura e da escrita, toma uma conotação utilitária, como se o objetivo fosse apenas este e não o de valorização da arte, do universo da alegria, do prazer.

No entanto, a referida professora apresenta em sua resposta a relação com a fase dos sonhos, de ouvir histórias que envolvam o mundo imaginário, o que é um aspecto importante da sua compreensão. Não há como não pensar em literatura infantil e não mencionar esses aspectos de sonho e do imaginário relatados pela professora P4.

Campos (2005, p. 15) afirma:

Se o ensino de literatura se centrar na leitura dos textos e for sustentado por teorias literárias e práticas pedagógicas que contemplem a interação do leitor com o texto, é possível levar os alunos ao desenvolvimento do prazer do texto, do prazer estético (CAMPOS, 2005, p. 15).

Segundo a autora é possível vivenciar no espaço de sala de aula, através da leitura de textos de forma planejada, experiências com a literatura como algo prazeroso para quem a lê.

Na pergunta sobre como as professoras entendem a literatura infantil, as respostas foram:

P 1:	Como suporte para trabalhar diversos assuntos e valores
P 2:	É aquela literatura voltada especialmente para a criança, rica em ilustrações, com linguagem adequada a seu desenvolvimento
P 3:	Trabalha o lúdico, a partir daí, surge as aprendizagens
P 4:	Segundo a BNCC a leitura deve acompanhar toda a fase escolar da criança. Os livros de literatura infantil devem ser escolhidos acompanhando a faixa etária de cada criança para que desenvolva nas mesmas o prazer pela leitura.

A professora P1 traz em sua resposta uma concepção da literatura infantil longe do prazer, sendo utilizada como pretexto para o ensino de assuntos diversos, reforçando uma concepção ultrapassada que concebia e utilizava a literatura para este fim. Ainda faz uma referência a valores, colocando a literatura com uma função moralista como muitos autores que construíram suas obras literárias com este mesmo pensamento. Como afirma Gregorin Filho (2009, 316):

embora não houvesse uma concepção nítida do universo infantil, alguns autores já haviam se interessado pelo emprego da literatura para a educação das crianças. Como exemplo, podemos citar Perrault e a Condessa de Ségur, ambos com a nítida preocupação de transmitir valores morais. (GREGORIN FILHO, 2009, posição 316)

Segundo o autor, este pensamento do uso da literatura infantil para o ensino de valores estava presente antes mesmo de se ter uma definição e entendimento do universo infantil.

A P2 entende a literatura infantil como um gênero voltado para a criança valorizando o aspecto lúdico, as ilustrações e linguagem adequada. A P3, por sua vez, se refere ao lúdico, mas atrela essa ludicidade à aprendizagem, como se a literatura infantil tivesse esse papel diretamente. Sobre a ludicidade, Sampaio (2012, p. 156) afirma que:

Tanto a Literatura Infanto-juvenil Universal, como a Literatura Infanto-juvenil Brasileira oferecem uma rica produção de textos/livros de inegável qualidade literária que proporcionam, através da literalidade (uso de linguagem figurada ou figuras de linguagem), a abertura de um universo mágico, simbólico, no qual a criança penetra com muita facilidade. A literatura infantil é também um jogo. Um jogo de palavras e de imagens, que são expressas por meio de linguagem literária, e nela está presente a música, a pintura, o drama. Através dela, aguçamos todos os sentidos humanos, como: a audição, o olfato, o tato, a visão, o paladar e, ainda, a intuição. (SAMPAIO, 2012, p. 156)

A autora apresenta a literatura infantil dentro do patamar da ludicidade, ao lembrar que a literatura brinca com imagens e palavras na sua construção.

Já a P4 não apresenta a sua compreensão sobre a literatura infantil, ou seja, não responde à questão solicitada e deixa de evidenciar o seu entendimento sobre a questão. Em sua resposta cita a BNCC e indica a forma de selecionar os livros pela faixa etária. Poderia, pelo menos, ter feito referência ao que a BNCC (2008) apresenta em uma de suas competências específicas de

língua portuguesa para o ensino fundamental, em que destaca a presença do lúdico, do imaginário e do encantamento presentes na literatura infantil, como citado abaixo:

Envolver-se em práticas de leitura literária que possibilitem o desenvolvimento do senso estético para fruição, valorizando a literatura e outras manifestações artístico-culturais como formas de acesso às dimensões lúdicas, de imaginário e encantamento, reconhecendo o potencial transformador e humanizador da experiência com a literatura. (BRASIL, 2008, p. 87)

Na questão quatro, ao perguntar às professoras como contribuem com a disseminação do hábito de leitura junto às crianças de sua sala de aula, elas responderam:

P 1:	Lendo diariamente sobre diversos assuntos, aguçando a curiosidade pelas histórias e temas abordados.
P 2:	Com a leitura quase diária de diversos gêneros literários
P 3:	Através do incentivo, indicando as leituras
P 4:	Com incentivo e sempre incluindo no meu planejamento algum livro literário atrativo para as crianças

As professoras P1 e P2 indicam que a leitura de textos literários faz parte de suas rotinas diárias. A P1 aborda vários assuntos e procura atrair o interesse das crianças através das histórias contadas e dos temas trabalhados. A P2 afirma que utiliza diversos gêneros literários, o que indica que ela apresenta uma variedade de opções para as crianças.

Segundo Costa (2013):

Na escola, desde o primeiro dia de sua entrada, a criança precisa ser exposta ao contato com histórias e poemas, contados oralmente pelo professor ou mostrados em livros ao alcance dos olhos e do manuseio da criança. A criação de um ambiente favorável à leitura irá pouco a pouco construindo na mente infantil a imagem de uma atividade enriquecedora e prazerosa. Não se trata apenas de vocabulário, mas de estruturas poéticas e narrativas. (COSTA, 2013, p. 45-46)

Segundo a autora, a exposição à literatura deve começar desde o primeiro dia de aula, onde o professor será o responsável em criar uma cultura que promova o prazer pela literatura. Introduzir vários gêneros e incluir a poesia no repertório das leituras, e deixar com que o acervo esteja ao alcance da criança.

As professoras P3 e P4 mencionam que incentivam as crianças de suas salas para disseminar o hábito da leitura. A professora P3 indica leituras e a P4 inclui livros literários em seu planejamento. O fato de apenas indicar leituras, conforme a resposta da professora, demonstra um distanciamento do que seria vivenciar a leitura. A resposta da P4 sobre incluir no planejamento algum livro literário, denota uma ação vaga acerca do envolvimento com a leitura, com a contação de história, com o prazer pela leitura. É o/a professor/a quem irá envolver a criança no processo de apreciar e gostar de literatura. Há uma responsabilidade do/a professor/a em indicar as leituras, e esta ação deve ser feita de forma intencional, planejada. Costa (2013, p. 20) afirma que:

Para que a literatura cumpra seu papel no imaginário do leitor, é fundamental a mediação do professor na condução dos trabalhos em sala de aula e no exemplo que ele dá a seus alunos, lendo e demonstrando, sempre que possível, a utilidade do livro e o prazer que a leitura traz para o intelecto e a sensibilidade. (COSTA, 2013, p. 20)

Segundo a autora, é o/a professor/a quem irá desempenhar este papel tão importante na disseminação pelo prazer da leitura, através da sua prática, demonstrando que também aprecia a literatura para poder incentivar de maneira que as crianças vejam nela um modelo de leitora. Como corrobora Sampaio (2012, p. 155-156):

Dentre as inúmeras possibilidades que a criança cria para realizar o faz de conta, cabe ressaltar a participação do adulto, dos pais e dos profissionais de educação infantil, visando estimular para que isso aconteça. Estimular significa oferecer elementos para que a criança lance mão deles todas as vezes que necessitar, ou mesmo provocar situações em que o faz-de-conta possa acontecer. Como exemplo, citamos a presença da literatura infantil no dia a dia da criança na fase inicial de sua vida. O profissional de educação infantil tem o dever de familiarizar a

criança com as histórias infantis. Sendo assim, a escola deve ser um cenário para se estabelecer essa convivência. (SAMPAIO, 2012, p. 155-156)

Na questão cinco, foi pedido às professoras que, caso a escola desenvolva algum projeto sobre leitura, que elas explicassem.

P 1:	Trabalhamos com várias metodologias voltadas para leitura. Estamos organizando o Projeto: Maleta Viajante. Onde cada aluno leva a maleta por vez, ler a história e no outro dia conta para a turma sobre a história lida.
P 2:	Não desenvolve nenhum projeto de leitura.
P 3:	Temos a sala de leitura
P 4:	Através do tema gerador algumas atividades são desenvolvidas. As professoras de cada série ficam responsáveis pela elaboração do seu planejamento e inclusão dos livros literários de acordo com o tema trabalhado. Depois algumas ações são desenvolvidas com a culminância de todas as turmas.

Segundo a professora P1, a escola está desenvolvendo um projeto intitulado de “Maleta Viajante” onde a maleta com um livro é levada por uma criança que traz no dia seguinte e compartilha da história com a turma. Pela fala da professora ainda não foi iniciado e também não deixou claro se este projeto é para toda a escola.

Em contrapartida, a P2 afirma que a escola não desenvolve nenhum projeto de leitura, o que claramente mostra uma desinformação das ações pedagógicas da escola, já que a P1 e P4 afirmam que há projetos de leitura na instituição. A P4 ainda inclui na sua resposta o relato sobre um momento para a culminância do tema gerador trabalhado em todas as turmas, o que demonstra um projeto sendo desenvolvido por todos.

A P3, por sua vez, informa que há uma sala de leitura, mas não tece nenhuma informação das ações realizadas neste espaço. O que dá a entender que apenas a sala de leitura seria o espaço para o desenvolvimento de projetos. A sala de leitura deve ser um dos locais, dentro da escola, a ser explorado para desenvolver o brincar segundo Sampaio (2012, p. 141):

Um dos pontos a observar na escola para favorecer as atividades lúdicas é a organização do espaço, para possibilitar que as crianças participem

de brincadeiras de variados tipos, em locais diversos, como o pátio, a sala de aula, o salão coberto, a quadra, a sala de leitura, a brinquedoteca, entre outros. Nesse sentido, uma pergunta que precisa ser, constantemente, feita é se o projeto político-pedagógico da instituição contempla o planejamento do espaço como veículo de aprendizagem. E ainda: se a escola foi construída e aparelhada com essa perspectiva. (SAMPAIO, 2012, p. 141)

Como afirma a autora, as atividades dirigidas na escola devem ser amplamente difundidas em todos os espaços escolares e baseadas no projeto político-pedagógico da escola, o qual irá nortear as ações a serem desenvolvidas no cotidiano da vida escolar, incluindo estas possibilidades.

Foi perguntado às professoras como elas se preparam para incentivar seus estudantes a ler. Suas respostas foram:

P 1:	Lendo, pesquisando, buscando histórias dentro da realidade de cada criança, procurando trazer livros interessantes
P 2:	Gosto de ler, participo de grupos em redes sociais que estimulam a leitura e compartilham vários livros.
P 3:	Emprestando livros existentes na escola
P 4:	Aulas mais dinâmicas e sempre trazendo incentivo para elas terem o gosto e hábito pela leitura. Trazendo os textos literários de acordo com a faixa etária.

De acordo com as respostas, as professoras não deram a entender que é necessária uma preparação profissional para, a partir daí, incentivar as crianças a ler. Todas relatam alguma ação ou estratégia para incentivar seus estudantes a ler. A P1 afirma que lê, pesquisa e busca histórias que façam conexão com a vida das crianças. A P2 afirma que gosta de ler e participa de grupos que estimulem a leitura e que disponibilizam livros para os seus membros. A professora P3 apenas relata que empresta os livros que possuem na escola sem esclarecer mais sobre esta ação, nem demonstrar entendimento de que é necessária essa preparação.

A P4, por sua vez, relata que através de aulas mais dinâmicas que ela incentiva as crianças a gostarem de ler, com o uso de textos apropriados para a idade delas. Sampaio (2012, p. 156) relata que:

É fundamental que o profissional da educação infantil, seja leitor de literatura infantil, para saber o que escolher para as crianças, já que, de qualquer modo, sempre haverá a participação do adulto na escolha do que vai ser lido. O riso será apenas que o professor goste tanto que não pare mais de ler esse tipo de literatura. (SAMPAIO, 2012, p. 156)

A autora reforça a necessidade de uma preparação para os professores da educação infantil com relação ao hábito da leitura, conhecer bem as obras literárias para que sejam também críticos e criteriosos na hora da escolha do que devem ler para as crianças.

Foi perguntado às professoras como as crianças da escola utilizam a biblioteca. Suas respostas foram:

P 1:	Utiliza para leitura deleite
P 2:	Não temos biblioteca
P 3:	Sistema rodízio. Mas nesse período de readaptação das crianças na escola, pós pandemia, está suspenso
P 4:	Temos a nossa biblioteca que está sendo novamente organizada pela gestão e equipe técnica. Mas já tivemos a elaboração de um projeto de leitura em que os alunos iam até a biblioteca e desenvolviam algumas atividades através do contato com os livros literários chegando a produzir seu próprio livro

As professoras P1, P3 e P4 reconhecem a existência de uma biblioteca na escola, diferentemente do que afirma a professora P2 que categoricamente afirma que não há biblioteca na escola. É pertinente observar que as quatro professoras trabalham na mesma escola, mas uma não conhece as dependências que a escola dispõe para o desenvolvimento de atividades. Se a biblioteca está sendo reorganizada pela gestão e equipe técnica, como afirmou a P4, ela não deixou de existir. E mesmo que ela não esteja funcionando de forma efetiva, a professora recorda de ações desenvolvidas em outros momentos neste espaço.

Segundo Meireles (2016, p. 82):

A formação das Bibliotecas Infantis corresponde a uma necessidade do nosso tempo, visto não existirem mais amas nem avós que se interessem pela doce profissão de contar histórias. Restam, é verdade, as “horas do conto”, em algumas escolas e estações de rádio. Mas compreende-se que não é a mesma coisa contar uma história a propósito, no momento oportuno, ou segundo um determinado horário... (MEIRELES, 2016, p. 82)

A autora afirma que a necessidade de se ter uma biblioteca infantil é vital para que as crianças tenham acesso às leituras e textos ou até que possam ter alguém para contar histórias para elas.

A P3 traz uma observação interessante sobre o retorno às aulas presenciais. Por terem vivenciado um período pandêmico, em virtude da Covid-19, as crianças se encontram em um momento de readaptação na escola. E que por conta dessa situação, o uso da biblioteca está suspenso, mas quando ativa, a professora afirmou que a biblioteca funciona em sistema de rodízio. Porém, a professora não abordou como se dava a utilização.

A professora P1 afirma que as crianças utilizam a biblioteca por puro prazer, mas não explicitou como se dá esta utilização, como é o trabalho realizado pela professora ou pela biblioteca. Como garantir que é a leitura deleite, sem esclarecer? A leitura deleite é a que proporciona o prazer pela leitura, que deixa o leitor satisfeito sem ter a necessidade de produzir algo após a leitura. Como afirmam Zotz e Cagneti (2005):

Leitura é lazer. E sabemos que o lazer também é uma necessidade básica do homem, indispensável à saúde, tanto mental como física. Claro que não se entende lazer dissociado de prazer. E que prazer gostoso esse de ler um bom livro! Capaz de levar-nos ao riso e à tristeza, de tornar-nos íntimos e velhos conhecidos de seus personagens, de fazer-nos acompanhar – gulosos e sedentos – seu enredo, de inquietar-nos com suas dúvidas, de transportar-nos a outros mundos, de dar vida a nossos sonhos... (ZOTZ e CAGNETI, 2005, p. 20)

Segundo os autores, a leitura é prazerosa e capaz de mexer com nossas emoções e nos levar a outros lugares. A leitura é tratada por eles como uma necessidade básica para o nosso bem-estar, tanto físico como mental.

Foi perguntado às professoras como trabalham literatura infantil na sua prática cotidiana em sala de aula. Suas respostas foram:

P 1:	Através de livros, músicas e caixa de leitura.
P 2:	Sempre realizamos a leitura deleite, temos livros sempre disponíveis em sala de aula, quando as crianças terminam as atividades ficam livres para lerem
P 3:	Leitura para as crianças (biblioteca virtual). Leio no celular
P 4:	No meu planejamento, quando vou trabalhar algum tema, incluo uma literatura infantil dentro do mesmo contexto, para que o entendimento do conteúdo seja mais prazeroso e dinâmico. A leitura é feita na roda de conversa no início da aula

A professora P1 apresenta alguns recursos que diz utilizar para trabalhar literatura em sua aula, como livro, música e caixa de leitura. Como afirma Cavalcanti (2002, p. 84): “A literatura possui sobretudo uma capacidade intensa de despertar imagens, por isso acreditamos que o convite para o mundo da leitura deve acontecer de forma integrada, ou seja, estimulado toda a rede de percepção: ver/ouvir/sentir.”

A P2 afirma que em sua sala há livros dispostos para que as crianças possam fazer sua leitura quando terminam suas atividades. A resposta da professora revela que há momentos na sala de aula reservados para a leitura deleite, sem a necessidade de uma atividade posterior. Ao contrário, ao término das atividades, elas podem desfrutar dos livros que estão dispostos na sala de aula.

A professora P3 diz fazer uso de uma biblioteca virtual e lê livros para as crianças através do seu aparelho celular. A resposta da professora evidencia que ela carrega consigo um acervo particular e que tem à mão livros para ler com as crianças. Não menciona a utilização de livros físicos para que as crianças tenham também acesso e leiam sem a intermediação da professora.

A P4 realiza a leitura no início da aula em uma roda de conversa. E utiliza o livro literário para ministrar o conteúdo a ser ensinado, para que segundo a professora, “o entendimento do conteúdo seja mais prazeroso e dinâmico”. A resposta da professora sobre utilizar a literatura para o ensino de conteúdos, revela que ela faz uso da literatura como um instrumento para ensinar conteúdos programáticos, e não menciona sobre o prazer da leitura.

Segundo Campos (2005, p. 16) “nenhum texto é escrito para ser dissecado ou para reconstruir a intenção de seu autor, e sim para propiciar ao leitor uma experiência estética de compreensão prazerosa ou prazer compreensivo.” Corroborando com este pensamento, Gregorin Filho (2009, 684) afirma:

Trabalhar com literatura infantil em sala de aula é criar condições para que se formem leitores de arte, leitores de mundo, leitores plurais. Muito mais do que uma simples atividade inserida em propostas de conteúdos curriculares, oferecer e discutir literatura em sala de aula é poder formar leitores, é ampliar a competência de ver o mundo e dialogar com a sociedade. (GREGORIN FILHO, 2009, posição 684)

O autor afirma que a literatura infantil oportuniza a formação de leitores. A literatura é capaz de formar leitores múltiplos, abrindo os horizontes inclusive para o desenvolvimento da leitura de arte. O trabalho com a literatura infantil deve ir além da realização de atividades atreladas aos conteúdos propostos, mas oportunizar também, o desenvolvimento de um olhar para o mundo e dialogar com ele e a sociedade presente nele.

Na questão nove foi pedido às professoras que explicassem se é possível encontrar livros de literatura em sua sala de aula e se eles estão ao alcance das crianças e como são utilizados. Suas respostas foram:

P 1:	Sim. São utilizados de forma organizada, mediada pela professora
P 2:	Sim, estão disponíveis para roda de leituras. Momentos ociosos,
P 3:	Há alguns
P 4:	Temos o cantinho da leitura na nossa sala para que os alunos tenham contato direto com os livros literários, em alguns momentos durante a semana

Todas as professoras afirmaram que há livros em suas salas de aula. Porém, pelas respostas acerca de algumas concepções de leitura, de literatura infantil e de contação de história já antecede qualquer análise. A P1 afirma que ela é quem media os livros que são utilizados de forma sistemática. A referida professora não dá maiores detalhes sobre esta mediação e organização. Segundo Sampaio (2012, p. 156):

Sabemos que, *a priori*, o profissional é quem escolhe o que a criança vai ler, e isso é inevitável. É o adulto que tem os meios para ser esse intermediário, quando a criança ainda nem decifra o código (as palavras, as frases), pois pode estar na fase pré-silábica ou silábica, mas o adulto pode proporcionar meios para que ela própria escolha o livro. Ela pode fazer isso apenas mediante a leitura pictórica da capa (leitura das imagens), das ilustrações do livro. Essa leitura poderá levá-la a compreensão do texto. Ou mesmo o texto pode ser composto apenas de imagens. Portanto, os livros precisam ser levados até as crianças e para que elas escolham o que querem que o professor leia ou mesmo as deixe ler, como dito, através da leitura das imagens livremente. Depois, o professor ou o contador conta a história. (SAMPAIO, 2012, p. 156)

A autora traz o papel do profissional de educação como alguém que irá conduzir a criança, escolhendo o que elas irão ler, e fará a leitura inclusive das imagens das capas dos livros, mediando até a compreensão textual, para que a criança tenha autonomia e consiga fazer as escolhas do que ela quer ler.

A P2 relata que os livros estão disponíveis para a roda de leitura e que os utiliza em momentos ociosos. Ou seja, a professora P2 não apresenta no seu planejamento uma metodologia sistemática para o uso da literatura de forma intencional. Ela traz na sua fala o que ela já relatou na pergunta anterior, isto é: “quando as crianças terminam as atividades ficam livres para lerem.”

Coelho (2000, p. 30) afirma:

Compreende-se, pois, que até bem pouco, em nosso século, a literatura infantil fosse encarada pela crítica como um gênero secundário, e fosse vista pelo adulto como algo *pueril* (nivelada ao brinquedo) ou *útil* (nivelada à aprendizagem ou meio para manter a criança entretida e quieta (COELHO, 2000, p. 30)

Segundo a autora, a literatura infantil era um instrumento utilizado pela escola com o pretexto de ensinar algo que os adultos esperavam que as crianças aprendessem ou para entretê-

las, pois era vista como um brinquedo e podia assim, deixá-las quietas. Ou até mesmo utilizar a literatura em momentos ociosos tal qual a professora P2 afirmou ser um desses momentos, ao término das atividades, as crianças podem leem.

Zotz; Cagneti (2005) afirmam:

Não basta colocar a criança em contato com o livro, na escola, para se conseguir formar um leitor. É preciso atentar para alguns detalhes extremamente importantes: que livro indicar, como indicar, como induzir à leitura... Porque a leitura tanto pode transformar-se em sinônimo de espontaneidade, liberdade e prazer, como também de chateação, de cobrança, de dever escolar, de castigo... (ZOTZ; CAGNETI, 2005, p. 31)

Segundo os autores, é necessário ter um planejamento criterioso por parte do professor para que o contato com o livro possa ajudar no desenvolvimento da formação do/a leitor/a e que a leitura seja, no mínimo prazerosa e não algo chato. E para que esta situação seja modificada, Cavalcanti (2002, p. 81) afirma que se faz necessário:

Preparar pedagogos e professores para isso, creio que é o primeiro grande passo. Possibilitar a emergência de um novo perfil de profissionais da educação. Pessoas em permanente formação e instigadas ao gosto, ao prazer pela leitura. Além, da compreensão de que a leitura do texto literário vai além da leitura do factual e nos carrega para uma dimensão diferente do vivido. (CAVALCANTI, 2002, p. 81)

A autora traz a importância da preparação de profissionais da educação, e que isso seja parte também da formação continuada deles, com o intuito de criar um novo perfil de educadores visando o entendimento sobre a leitura de textos literários e que estejam aptos a exercerem seu papel na sala de aula e modificarem a realidade que é encontrada em muitos espaços escolares.

A professora P3 se limita apenas a responder que há alguns livros em sua sala e não mencionou se estes estão à disposição para que as crianças possam lê-los. A P4 afirma que em sua sala há o cantinho da leitura e que em alguns dias da semana as crianças têm contato com

os livros literários. Porém, estas ações não foram detalhadas e demonstram não serem suficientes para o desenvolvimento leitor dos/as estudantes. As professoras não apresentam em suas respostas uma sistematização do trabalho que precisa ser desenvolvido com a literatura infantil em sala de aula.

Segundo Colomer (2017, p. 95):

Tanto o espaço da biblioteca quanto o das salas de aulas, onde se aprende a ler, são lugares especialmente necessitados de uma organização compreensível e estimulante para os aprendizes de leitura. Os lugares de trabalho compartilhado, de leitura autônoma, de recursos de apoio ou de manuseio curioso devem estar claramente delimitados e indicados, para favorecer seu funcionamento complementar. (COLOMER, 2017, p. 95)

Segundo a autora, faz-se necessário sistematizar esses ambientes para o desenvolvimento da leitura. Leituras essas que podem ser individuais ou em grupos, mas que todo o apoio para as ações de leitura esteja claro dentro daquele espaço na sala de aula.

Por fim, foi pedido para que as professoras citassem os livros que elas têm lido ultimamente e falar da sua relação com essas leituras. As respostas foram:

P 1:	Maria vai com as outras"; "Sítio do Picapau amarelo"; "Tipos de Mãe"; "Rita tem medo"; Entre outras.
P 2:	O duque é eu. Anne. Tenho sempre um livro na cabeceira e sempre leio um pouco antes de dormir
P 3:	Três Porquinhos/ poema infantil Vinícius de Moraes/ entre outros ...
P 4:	"Amigos" autora Silvana Bando / " A zebrinha preocupada" autora Lúcia Reis / " O mundinho azul" autora Ingrid Belinghausen / entre outros que trabalhamos os "valores" no início do ano.

Nenhuma das professoras detalhou a relação que tem com essas leituras. Apenas a professora P2 mencionou que sempre lê antes de dormir, pois sempre tem um livro disposto em sua cabeceira, mas não citou o livro. Os livros mencionados pela professora P2 não são de caráter infantil, mas são livros do gênero romance, ainda que ler tais livros também tenham sua validade e aguça essa potencialidade leitora.

As demais professoras mencionaram livros de literatura infantil, ou seja, centram-se no gênero com o qual trabalham em sala de aula. Ao falar sobre o espaço escolar e o mundo da leitura Cavalcanti (2002, p. 79) afirma que:

Primeiramente, acreditamos ser necessário um profissional que goste de ler, mas que também esteja preparado para lidar com crianças e jovens. Que tenha noção da Literatura infanto juvenil, tanto do ponto de vista teórico quanto a conhecimento das obras destinadas ao público infantojuvenil. (CAVALCANTI, 2002, p. 79)

Segundo a autora, faz-se necessário gostar de ler. Para além disso, também é necessário conhecer as obras literárias destinadas ao público infantil e estar apto para trabalhar com esse gênero e esse público.

A professora P4 menciona que trabalhou alguns livros literários no início do ano para o ensino de “valores”. Mais uma vez a literatura infantil se apresenta aqui como pretexto para o ensino de assuntos diversos.

Como afirma Cavalcanti (2002, p. 121):

Ler não deve ser apenas uma habilidade ou uma forma de se adquirir conhecimento, pois o ato de leitura deve ser ampliado no sentido de remeter o indivíduo para múltiplos significados. Trabalhar com Literatura infantojuvenil é precisamente tocar no universo da representação, mundo do simbólico, do poético e do sagrado. (CAVALCANTI, 2002, p. 121)

Segundo a autora, o trabalho com a literatura não é limitado a aprender algo, mas repleto de múltiplos significados, contribuindo também, para entender como o mundo se apresenta nas mais diversas formas. Zotz; Cagneti (2005, p.21): “os leitores podem nascer de muitas formas. No entanto, estudos comprovaram que, via de regra, o desenvolvimento do interesse e hábito da leitura se faz num processo constante que se inicia com a família, reforça-se na escola e continua ao longo da vida...”

Os autores afirmam que não é só na escola que o hábito de leitura é desenvolvido e que deve ser iniciado na família.

Com base no exposto e análise das respostas das professoras, faz-se necessário que estudem mais sobre o assunto, entendam melhor como se dá o desenvolvimento da literatura em seu ambiente de trabalho e procurem oportunizar mais momentos de lazer e não de ócio, para tornarem-se leitoras.

Cavalcanti (2002, p. 121) afirma que: “Fazer Literatura é trabalhar no sentido de criar novas sensibilidades, potencializar o campo estético, a dimensão lúdica e possibilitar uma experiência humana mais rica e prazerosa, por isso espiritual.” Necessita-se que os/as profissionais da educação entendam que, somente se incentiva a ler, quem é bom/boa leitor/a. É necessário ter tempo para ler e este tempo necessita ser valorizado. E para trabalhar a literatura com crianças, não se pode esquecer do lúdico, do mundo simbólico, das rimas, dos jogos de palavras. Precisam olhar para a criança como ela é e dar oportunidades, através da literatura, para ela desenvolver suas potencialidades. O trabalho da literatura na sala de aula é oportunizar novos olhares e olhares sensíveis para o mundo ao seu redor.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa teve como objetivo geral investigar como os/as professores/as dos anos iniciais do Ensino Fundamental compreendem a literatura infantil. Procurou, então, responder a seguinte pergunta norteadora: como os/as professores/as compreendem a literatura infantil nos anos iniciais do Ensino Fundamental?

A compreensão da literatura infantil inicia na formação das professoras e segue até a prática em sala de aula, e continua na sua atualização docente. Apesar de que metade delas tiveram contato com a literatura na sua graduação, a compreensão apresentada sobre literatura infantil, reflete o entendimento dela através de uma visão utilitarista, pela utilização da literatura como um pretexto para trabalhar conteúdos, valores e assuntos escolares diversos. A visão lúdica aparece de forma tímida nos relatos das professoras, e oportuniza à criança momentos de desfrutar da literatura através de diversas formas, das ilustrações, do imaginário, sem a cobrança de realizar uma atividade ao término da leitura. E, também, pelo viés do prazer, quando a leitura feita por contentamento, possibilitando momentos de desfrute, de conhecimento de mundo e de si mesmo.

O entendimento do incentivo à leitura está presente não apenas nas palavras das professoras, mas com ações através da leitura de vários gêneros literários para as crianças. As professoras leem, pesquisam e buscam acervos que atendam a realidade das crianças e, também, indicam leituras para elas. Recursos são mencionados como livros, músicas, estratégias também são mencionadas, mas as preparações para o incentivo não evidenciam uma sistematização ou preparação profissional no planejamento para a execução destas.

O conhecimento acerca dos projetos literários desenvolvidos e executados na escola, apresentam relatos variantes e divergentes sobre eles. Ora os projetos são individuais, ora são coletivos e em alguma fala se apresenta inexistente, ou até mesmo considera apenas a sala da leitura como um projeto escolar para o desenvolvimento da leitura sem tecer as ações desenvolvidas neste espaço.

Com relação ao uso do espaço da biblioteca na escola, os resultados divergem. Por estarem voltando ao modo presencial, por conta da pandemia da Covid-19, a biblioteca está passando por uma reestruturação feita pela equipe escolar. Quando ativa, a biblioteca oportuniza o desenvolvimento de projetos de leitura e a leitura deleite com as crianças, mas não

ficou claro como são as atividades desenvolvidas lá. O fato de não reconhecer o espaço da biblioteca na escola para o desenvolvimento de atividades questionador.

Sobre os livros de literatura presentes em sala de aula apresentam-se dispostos de maneiras distintas em cada sala. São utilizados tanto pelas professoras que mediam a leitura, como de forma coletiva ou individual em momentos específicos dentro da sala de aula, inclusive momentos ociosos. A intencionalidade do trabalho de leitura realizado pelas professoras, não ficou evidente, faltando levar em consideração um planejamento sistemático de como abordar e desenvolver o hábito leitor das crianças.

A pesquisa apresentou limitações com relação ao tempo de sua execução e a disponibilidade de sujeitos da pesquisa. Para uma pesquisa mais completa, seria conveniente além do questionário, a realização de entrevistas que permitiriam esclarecer algumas lacunas deixadas nas respostas das professoras.

Esta pesquisa justifica a importância deste tema, pela necessidade de trazer uma reflexão sobre como se trabalha a literatura infantil nas salas de aula nos anos iniciais do Ensino Fundamental; uma vez que a escola acaba sendo a grande responsável pela formação leitora das crianças.

6 REFERÊNCIAS

- ALVES, J. H. P. **Teoria da literatura, crítica literária e ensino**. In: PINHEIRO, H.; NÓBREGA, M. (Org.). **Literatura: da crítica à sala de aula**. Campina Grande: Bagagem Editora, 2006. 111-126 p.
- BARDIN, L. **Análise de Conteúdo**. Tradução: Luís A. Reto e Augusto Pinheiro. 4. ed. Lisboa-Portugal: Edições 70, 1977. 281 p.
- BORTONI-RICARDO, S. M. **O professor pesquisador: introdução à pesquisa qualitativa**. São Paulo: Parábola Editorial, 2008. 135 p.
- BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília, 2018.
- BRENNAND, E. J. G. et. al. **Metodologia Científica na Educação a Distância**. João Pessoa: Editora da UFPB, 2012. 232 P.
- CAMPOS, M. I. B. **Ensinar o prazer de ler**. São Paulo: Olho d'água, 2005. 157 p.
- CAVALCANTI, J. **Caminhos da literatura infantil e juvenil**. São Paulo: Paulus, 2002. 127 p.
- CHALITA, G. **Educação: a solução está no afeto**. São Paulo. Editora: Gente, 2004. 263 p.
- COELHO, N. N. **Literatura infantil: texto, análise, didática**. 7. ed. São Paulo: Moderna, 2000. 287 p.
- COLOMER, T. **Introdução à Literatura Infantil e Juvenil Atual**. Tradução: Laura Sandroni. São Paulo: Global, 2017. 334 p.
- COSTA, M. M. **Metodologia do ensino da literatura infantil**. Curitiba: InterSaberes, 2013. 167 p.
- GREGORIN FILHO, José Nicolau. **Literatura infantil na formação de leitores**. São Paulo: Melhoramentos, 2009. Livro eletrônico. 1302 posições.
- MARCONI, M. A.; LAKATOS, E. M. **Metodologia Científica**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2009. 312 p.
- MEIRELES, C. **Problemas da literatura infantil**. São Paulo: Global, 2016. 93 p.

MINAYO, M. C. S.; DESLANDES, S. F.; GOMES, R. (Org). **Pesquisa Social: teoria, método e criatividade**. 28 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009. 108 p.

MOREIRA, H.; CALEFFE, L. G. **Metodologia da pesquisa para o professor pesquisador**. 2 ed. Rio de Janeiro: Lamparina, 2008. 245 p.

MOTTA-ROTH, D.; HENDGES, G. R. **Produção textual na universidade**. São Paulo: Parábola Editorial, 2010. 167 p.

PRESTES, M. L. M. **A pesquisa e a construção do conhecimento científico: do planejamento aos textos, da escola à academia**. 3 ed. São Paulo: Rêspel Editora, 2008. 260 p.

SAMPAIO, L. O. L. et al. O lúdico como base fundamental para a vida da criança e para a vida adulta. *In*: BEZERRA, L. T. S.; OLIVEIRA, S. M. L. G. **Pensamento, linguagem e ludicidade na Educação Infantil**. João Pessoa: Editora da UFPB, 2012. p. 123-183.

ZOTZ, W.; CAGNETI, S. **Livro que te quero livre**. 3 ed. Florianópolis: Letras Brasileiras, 2005. 119 p.

APÊNDICE A – Instrumento de coleta – Questionário



Questionário - TCC - Pedagogia - UFPB

Perguntas Respostas 5 Configurações

Questionário - TCC - Pedagogia - UFPB

Prezada Professora,
Este questionário faz parte da pesquisa de campo, para elaboração de TCC, realizada pela estudante do curso de Pedagogia a Distância, Sandra Helena dos Santos.

E-mail *

E-mail válido

Este formulário está coletando e-mails. [Alterar configurações](#)

IDENTIFICAÇÃO

Sobre sua formação acadêmica

Marque a opção que te identifica: *

☐ Ensino Médio Completo

☐ Ensino Superior Incompleto

☐ Ensino Superior Completo

☐ Pós-Graduação Incompleta



<https://docs.google.com/forms/d/1qfwUJQ0v1cgbOXC5exORhhIIJwUAMtsgOEFbRvAoJdc/edit>

1/4

06/06/2022 23:00

Questionário - TCC - Pedagogia - UFPB - Formulários Google

☐ Mestrado Incompleto☐ Mestrado Completo

Fale um pouco sobre o curso que você cursa ou cursou. *

Texto de resposta longa

Qual o ano escolar que você leciona? *

☐ 1ª ano☐ 2º ano

SOBRE LITERATURA INFANTIL

Relate sobre suas experiências.

1. Na sua formação acadêmica você teve muito contato com a literatura infantil? *

Texto de resposta longa

2. Como você vê o papel da literatura infantil nos anos iniciais do Ensino Fundamental? *

Texto de resposta longa

3. Como você entende a literatura infantil? *

Texto de resposta longa



06/06/2022 23:00

Questionário - TCC - Pedagogia - UFPB - Formulários Google

sala de aula?

Texto de resposta longa

5. Explique como a escola em que você leciona desenvolve algum projeto sobre leitura. *

Texto de resposta longa

6. Como você se prepara para incentivar seus/suas estudantes a ler? *

Texto de resposta longa

7. Explique como as crianças da escola em que você leciona utilizam a biblioteca. *

Texto de resposta longa

8. Como você trabalha a literatura infantil na sua prática de sala de aula cotidianamente? *

Texto de resposta longa

9. Explique se em sua sala de aula há livros de literatura ao alcance das crianças e como são utilizados. *

Texto de resposta longa

10. Cite livros que você tem lido nos últimos tempos e qual a sua relação com essa leitura. *

Texto de resposta longa



06/06/2022 23:00

Questionário - TCC - Pedagogia - UFPB - Formulários Google

AGRADECIMENTO

Obrigada por participar do meu Trabalho de Conclusão de Curso em Pedagogia.
Deus te abençoe. 🙏🌹

APÊNDICE B – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Prezado(a) Professor(a)

Esta pesquisa é para um Trabalho de Conclusão de Curso sobre Literatura e está sendo desenvolvida pela pesquisadora Sandra Helena dos Santos, aluna do Curso de Pedagogia Distância da Universidade Federal da Paraíba, sob a orientação da Profª. Drª. Idelsuite de Sousa Lima.

A sua colaboração dar-se-á em responder um questionário, como também sua autorização para apresentar os resultados deste estudo em eventos da área de educação ou publicar em revista científica. Por ocasião da publicação dos resultados, seu nome será mantido em sigilo.

Esta pesquisa está de acordo com as normas éticas destinadas à pesquisa envolvendo seres humanos, da Comissão Nacional de Ética em Pesquisa (CONEP) do Conselho Nacional de Educação, do Ministério da Educação Resolução 466/12 da CONEP/MS.

A sua participação no estudo é voluntária e, portanto, o(a) senhor(a) não é obrigado(a) a fornecer as informações e/ou colaborar com as atividades solicitadas pelo Pesquisador(a). A pesquisadora estará à sua disposição para qualquer esclarecimento que considere necessário em qualquer etapa da pesquisa, através do telefone nº (83) 999067315 ou via e-mail: sandrahelena25@gmail.com

Sandra Helena dos Santos

.....

Diante do exposto, declaro que fui devidamente esclarecido(a) e dou o meu consentimento para participar da pesquisa e para publicação dos resultados. Estou ciente que receberei uma cópia desse documento.

Assinatura da Participante da Pesquisa